

Vou
sumir
quando
a vela
se
apagar

DIOGO
BERCITO



Vou
sumir
quando
a vela
se apagar

Copyright © 2022 by Diogo Bercito em acordo com MTS agência

Revisão

Eduardo Carneiro

Fábio Gabriel Martins

Design de capa e miolo

Alles Blau

Imagem de capa

Robinho Santana

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B428v

Bercito, Diogo, 1988-

Vou sumir quando a vela se apagar / Diogo Bercito. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2022.

216 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5560-419-1

1. Ficção brasileira. I. Título.

22-77573

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

PARTE I

1.

— *Chu, al-Brazil?*

Yacub pôs o cigarro na boca, apoiou as costas no muro, olhou para Butrus e repetiu a pergunta. As palavras saíram com mais força do que o esperado, espalhando fumaça no ar. Butrus demorou para responder. Andou pelo jardim arrastando os pés no mato que crescia, observando um cenário familiar. Uma casa abandonada em uma curva do vilarejo, as pedras das arcadas prestes a desmoronar. Butrus sentou ao lado de Yacub, pegou o cigarro entre os dedos e provou o tabaco. Como se sentisse os músculos relaxarem, fechou os olhos.

— O Brasil. Por que não?

Yacub aproveitou que Butrus ainda não tinha aberto os olhos e observou as linhas de seu maxilar. Butrus tinha um daqueles rostos em que os traços duros se misturam aos doces. Um rosto forte, com a pele queimada de sol e uma falha na sobrancelha direita. Forte e jovem. Como Yacub, estava prestes a entrar na segunda década de vida. A barba rala, que nunca tinha aparecido por completo, dava a ele

um ar de criança crescida. Uma delicadeza e inocência que enterneciam Yacub. Sabia que faria qualquer coisa pelo amigo. Ceifaria o trigo e a cevada debaixo de sol, remendaria suas roupas. Iria até Damasco a pé e voltaria no mesmo dia, se preciso. Limparia seu suor em uma noite febril, cortaria as unhas do seu pé. Mas então aquela conversa de viajar de vapor até o outro lado do mar. O Brasil?

Butrus abriu os olhos e se aproximou de Yacub, devolvendo o cigarro com um gesto lento e doce. Queimado quase todo o tabaco, a chama já esquentava os dedos.

— Você sempre disse que não tinha vontade de ir embora. — Yacub não conseguia disfarçar o rancor na voz. — Que queria ficar aqui para sempre. Que era a sua terra.

Butrus não respondeu. Colocou a mão no bolso da calça puída e bateu alguma coisa. Passou o dedo indicador pelos dentes fincados no maxilar.

— Ontem minha mãe recebeu uma carta do tio Mikhail — sussurrou.

— O tio da mancha no rosto? — perguntou Yacub, tentando adivinhar o fim da história.

— Esse mesmo.

— Ele escreveu de Beirute? Minha mãe sempre fala nele. Que ele foi estudar.

— Ele saiu da universidade. Pegou o vapor e foi para o Brasil.

Butrus roubou o cigarro, fumou o último suspiro e esmagou a bituca no chão. Não disse nada. Ficou olhando a casa de pedra em cujo jardim eles passavam todos os dias depois da colheita.

— O tio Mikhail escreveu uma carta do Brasil e, *khalas*, você decidiu pegar o vapor e ir para lá? — perguntou Yacub.

Butrus se doeu com o rosto todo e continuou calado. Voltou a mão ao bolso, puxou uma pequena caixa de metal e começou a enrolar outro cigarro. Yacub notou que ele se preparava para uma longa conversa.

— Não é isso, Yacub. Você não entende.

Butrus contou que o tio Mikhail tinha dito na carta que o Brasil era *verde*. Não amarelo, como as escarpas da Síria, mas verde, verde. As árvores cresciam nas ruas, arrebentando as calçadas com a raiz, árvores de fruta, mesmo, e ninguém precisava passar fome. Butrus dizia tudo isso olhando para uma oliveira retorcida no jardim. Falava de um lugar sem turcos nem franceses. Uma terra no começo da história, como as primeiras páginas de um livro, em que as pessoas podiam escrever o próprio futuro, escolher quem seriam.

— Quem você quer ser, Butrus, que você não pode ser aqui?

— Você não entende. Aqui, a gente não pode ser nada.

Yacub sabia que havia alguma coisa no Brasil além de árvores que destruíam o chão. Outra coisa que de repente atraía Butrus. Queria pular em cima dele, encontrar a carta do tio Mikhail no bolso da calça e ler aquelas malditas linhas. Um esforço sem sentido. Os olhos viam apenas traços indecifráveis no papel. Levantou-se e se afastou de Butrus sem dizer nada.

Em pensamento, amaldiçoava o tio Mikhail. Mais um sírio que tinha deixado tudo para trás, largado a terra por arar ou por semear, largado os brotos, as árvores, a relva em que antes dormiam nas noites quentes. Outra casa de pedra vazia num vilarejo que definhava, sem gente para pisar seus caminhos.

Para Yacub, pessoas como o tio Mikhail tinham matado o povoado. Prometiam voltar e sumiam no mundo. Às vezes escreviam contando histórias de florestas e rios caudalosos, de coisas que ali, do outro lado do mar, nem se entendia. E mesmo as cartas rareavam, fios se rompendo devagar. Yacub e Butrus cresceram ouvindo falar desses sujeitos egoístas, de como tinham secado o solo, arruinado seus nomes. Diziam que nunca seriam assim, nunca seguiriam os passos deles. Mas agora Butrus falava de pegar o vapor ele também, desaparecer no horizonte. Por um instante, Yacub desejou que o tio Mikhail tivesse sumido. Morrindo em Beirute, no mar, no Brasil. Se não isso, ao menos que o barco trazendo a carta dele tivesse virado de cabeça para baixo e mergulhado no leito mais profundo do oceano, na areia que nunca vê o sol.

Yacub olhava para Butrus, que estava sentado na terra. Via as ideias se formando nele. Ideias perigosas, que afastam pessoas que deveriam ficar juntas. Que separam quem cresceu caçando passarinhos, respirando o ar um do outro, prometendo envelhecer lado a lado. Com um aperto seco na garganta, Yacub deu alguns passos até o poço. Mesmo quando a casa ainda era habitada, a boca do buraco estava sempre coberta por tapumes. O povo não queria que gritasse. Colocou as mãos na madeira, devagar, com respeito. Com as palmas tocando a superfície áspera, pensou em quanta tristeza era capaz de aguentar.

Butrus olhava para ele enquanto enrolava mais um cigarro. Yacub queria dizer que era o suficiente. Que, se fumassem tudo de uma vez, não teriam o que fumar no dia seguinte. Que ninguém ia descer até Damasco para comprar tabaco até sexta-feira. Os cantos dos olhos de Butrus, no entanto,

começavam a apontar para baixo, indicando que ele estava à beira de um precipício. Naqueles minutos entre a tarde e a noite, o mundo era especialmente escuro. Yacub mal podia enxergar Butrus caminhando entre as árvores do jardim, quase como se já tivesse ido embora.

— Butrus, vem cá — chamou Yacub.

Queria parar o tempo. Tapar a boca de Butrus, como se fosse o poço d'água. Butrus foi até ele, devagar, e se apoiou também nos tapumes. Passou-lhe o cigarro.

— *Chu?* — perguntou Butrus.

— Fale mais sobre o Brasil.

— Ah — Butrus sorriu. — O tio Mikhail mora em São Paulo. Ele disse que só a cidade é tão grande quanto a Síria. Que tem de tudo. Que um monte de primo nosso se mudou para lá. Moram um em cima do outro quando chegam, em pensões, mas logo enriquecem e constroem palácios. O tio Mikhail começou a vida andando com uma caixa de madeira nas costas, vendendo cruzeiros de oliveira e tecidos importados. Caminhou tanto que, se fosse aqui, teria chegado a Jerusalém. Mas lá no Brasil a gente anda, anda, anda e não chega a lugar nenhum. É um mapa infinito, uma criação que Deus se esqueceu de interromper. As coisas vão mudando de jeito, as pessoas falam diferente, comem outros bichos, dependendo do vilarejo, mas é tudo a mesma coisa. Tudo Brasil. De tanto andar, o tio Mikhail ficou rico, Yacub. Abriu um armazém em São Paulo. Falou que eu posso trabalhar com ele.

Yacub viu Butrus abrir e voltar a fechar a caixa de cigarros. Olhando para ele, se perguntava de que jeito duas pessoas, crescendo juntas, podiam se tornar tão diferentes. Butrus de repente sonhava com um país verde do outro lado do mar.

Já Yacub não sabia com o que sonhava. Sonhava com chuva pesada todos os dias encharcando o solo até vazar. A mãe e o pai sobrevivendo aos anos. Uma vida boa, sem dissabores, retirada da terra e devolvida a ela no final. Interrompeu Butrus, que não tinha parado de falar de São Paulo e de futuros.

— Você vai para o Brasil trabalhar num armazém e eu fico aqui sozinho na colheita, então.

Butrus fechou os olhos com força. Deslizou a mão por cima do tapume de madeira.

— Não tem nada que eu possa dizer para você vir comigo?

Yacub pensou no mato crescendo na calçada de São Paulo, nas árvores de frutas carregadas, e quase se deixou seduzir pela ideia do vapor. Depois, pensou na chuva que um dia vinha, na mãe e no pai, na terra arada. Pensou também em Damasco, no rio Barada e no figo doce que alguém trazia quando descia para a cidade.

— Não tem nada que eu possa dizer para você ficar aqui comigo? — perguntou, sorrindo.

Eles se deram conta da altura da montanha que tentavam escalar. Quanto mais falavam, mais distantes estavam. Suspiraram quase ao mesmo tempo. Yacub pousou a mão nos ombros de Butrus, olhou no fundo dos olhos dele. Conversaram, por um bom tempo, naquela língua secreta que só os dois entendiam. Movimentos imperceptíveis do rosto que diziam tudo. Reencenavam as lembranças da infância, dos dias passados grudados, dormindo um em cima do outro.

Yacub se afastou do poço. A noite terminava de abraçar os dois por completo.

— *Yalla* — disse, caminhando para o portão aberto. — Logo vão vir chamar a gente.

— É uma pena o poço fechado, com nosso povo sem água — disse Butrus para si mesmo, antes de se levantar.

Afastaram-se um pouco adiante, onde o caminho de terra se dividia em duas línguas. Olharam um para o outro, sorriram de tristeza e tomaram cada qual uma estrada. Yacub seguiu devagar, chutando o chão com o pé descalço, interrompendo o silêncio da noite com um som áspero.

À direita, via a casa da família de seu Ismail. Vazia. Um pouco mais adiante, a de Hakim, o antigo *mukhtar*. Vazia. À esquerda, morava o clã do tio Fuad. Vazia. Atrás do morro, a do tio Mikhail. As casas de pedra eram agora o lar de um vento quente e aprisionado. De um cheiro de terra apodrecida. Um mato escuro cobria as despensas subterrâneas, sufocando o espaço onde antes guardavam os grãos colhidos com suor. A visão doía em Yacub. Não tinha sobrado quase ninguém no povoado. Como o tio Mikhail havia dito na carta — estavam todos no Brasil.

Yacub estava quase acostumado àquela solidão, ao vazio ladeando os caminhos, mas ainda se enfurecia com quem tinha deixado o vilarejo para trás. Ouvia os pais, que se ressentiam de quem havia partido, e as notícias dos que enriqueciam no Brasil agravavam essa mágoa. Nos últimos anos, menos gente tinha ido embora. Parecia que a levedura da migração tinha parado de fermentar. Yacub pensava que ia se casar ali e Butrus também. Uma ideia desconfortável, mas ao menos já desenhada antes de nascerem. Em suas casas, cuidariam das mulheres e dos filhos com quem

povoariam a terra. Do lado de fora, fariam tudo o que bem entendessem, como dois deuses solitários. Reconstruiriam o vilarejo, ajeitariam as estradas. Ergueriam até uma igreja para Butrus rezar sem precisar descer até Damasco.

Agora Butrus dizia que também queria ir para o Brasil. De onde vinha aquela ideia estúpida? Das cartas do tio Mikhail? Parecia um plano mais antigo. Uma ideia tão nítida não podia ter se formado há pouco tempo. Yacub se lembrou do *simsar* que tinha visitado o vilarejo alguns meses antes. Um homenzinho detestável de chapéu, caminhando de casa em casa, tomando café no pórtico do velho Adil. Vendendo bilhetes de vapor, prometendo trabalho no além-mar. Yacub não deu muita importância ao homem. Mas pensando agora, conseguia imaginar Butrus passando, entreouvindo a conversa. Quase podia enxergar a semente do Brasil sendo plantada na cabeça dele. Uma árvore dessas com que Butrus sonhava, com um tronco tão largo que era impossível de abraçar.

Entrou em casa de cabeça baixa. Encontrou o pai sentado à mesa e a mãe agachada num canto, separando folhas de hortelã com as mãos. As duas tias tagarelavam encostadas no batente. Yacub foi ao armário, agarrou uma garrafa de áraque, outra de água e dois copos de vidro. Sentou ao lado do pai e serviu a bebida. Sozinho no copo, o áraque era transparente. Misturado à água, ficava turvo como leite de cabra. O silêncio entre eles se alongava enquanto olhavam as linhas tênues que separavam os dois líquidos antes de se tornarem apenas um. A mãe limpou as mãos no vestido.

- Aonde você foi?
- À casa do tio Matar.
- Fazer o quê?

— Fumar.

— Fumar. — Ela suspirou, levantando bem alto as mãos sujas de terra. — Meu filho, um dia as pedras da casa velha vão cair em cima de vocês dois. *Ya rab!*

O pai continuava calado, sentado à mesa.

— A gente não fuma dentro da casa, mãe. É no jardim. Não vai cair nada em cima da gente.

— No jardim? Mas no jardim tem o poço, meu filho. No jardim não pode.

— A gente não fuma perto do poço — defendeu-se Yacub, enquanto seu pai se endireitava na cadeira.

— Em poço de casa abandonada a gente não toca — disse o pai de repente, um aliado da mulher.

— Eu já avisei tantas vezes para você não perturbar o *jinni* — repetiu ela.

Yacub respirou fundo. Quando passava a tarde com Butrus, se esquecia dos pais. De como eram velhos. De como as ideias deles tinham apodrecido. Os dois recitando livros sagrados, acreditando em lendas antigas, respeitando costumes de ontem. Garantindo existir uma criatura de fogo vivendo num poço abandonado. Quase fazia com que concordasse com Butrus. Com que fosse ao escritório do *simсар* em Beirute, gritando por cima do chapéu dele: dois bilhetes para o Brasil! Mas quando pensava em São Paulo, Yacub já sentia saudade dos pais.

— A gente não vai abrir o poço — disse.

Satisfeita, a mãe pôs os pratos na mesa.

À noite, Yacub deitou sem vontade de dormir. Alguma coisa na garganta. O vento entrava pela janela aberta e esticava a pele dos braços como numa febre fria. Pensou no dia seguinte. Não no dia seguinte mesmo, depois que acordasse. No dia quando, depois da partida de Butrus, tivesse de ir sozinho ao campo. Quando enrolasse o próprio cigarro, encostado no muro, e esperasse a luz do dia dar lugar ao breu. Quando, sem Butrus, ouvisse o som dos répteis rastejando embaixo das pedras, entre as folhas secas. O vazio do futuro o envenenava.

Yacub passa os dias na companhia de Butrus no vilarejo da Síria onde vivem. Os dois são inseparáveis e se deixam encostar casualmente enquanto colhem folhas de uva ou fumam no gramado, mas uma agonia crescente toma conta de Yacub quando essa proximidade é ameaçada. Butrus recebera um convite do tio para emigrar para o Brasil e aproveitar as muitas oportunidades de um futuro próspero no país. A perspectiva do distanciamento não é forte o suficiente para que os dois verbalizem seus sentimentos, mas permite que finalmente se toquem. O ato consumado, no entanto, é seguido de uma tragédia. O que para os médicos é cólera, para Yacub é a ação do lendário *jinni* que habita o poço de uma casa abandonada, que estava aberto quando os jovens cederam aos seus desejos.

Esse é o ponto de virada da narrativa, que passa então a ter como cenário a vibrante São Paulo do início da década de 1930, uma cidade em transformação, ponto de atração de pessoas de diferentes partes do mundo. Em um ambiente marcado pela vontade de se estabelecer e pela infinidade de possíveis futuros, o passado cisma em se fazer presente para o imigrante, que começa a ter sonhos cada vez mais vívidos tendo o *jinni* como figura persecutória.

Em seu romance de estreia, Diogo Bercito narra com delicadeza e admirável domínio da escrita uma história na qual o que não está dito salta aos olhos a cada página. *Vou sumir quando a vela se apagar* trata de afetos, com um protagonista que tem no diálogo constante com o *jinni* a expressão de seus medos e o impulso da fuga de si. Uma trama atemporal, sobre as dificuldades de lidar com os desejos e a capacidade de tomar para si o próprio destino.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1182/>